

Biblioteca Pública Mário Schenberg
Prof. *Fábio Cyarossa*

FICHAMENTO: LÍNGUA, DISCURSO, SOCIEDADE/ ROMAN JAKOBSON;
tradução de Cidmar Teodoro Pais, José Coelho, São Paulo, ed. Globo, 1983,

“homenagem a Êmile Benveniste, Professor no Colégio de França – à época em que se aposentava -, e que foi, certamente, um dos maiores lingüistas do século, pela qualidade e pelo número de suas pesquisas, artigos e livros publicados, que tinham, freqüentemente, esse caráter interdisciplinar ou multidisciplinar, e cuja atuação trouxe contribuições inestimáveis à Lingüística e a outras ciências humanas, marcando a formação de várias gerações de cientistas e intelectuais”.

“Benveniste rejeitou, sempre, a rígida dicotomia estabelecida entre diacronia e sincronia, buscando estudar a linguagem humana, as línguas e os seus discursos, em sua interação com a cultura e a sociedade; procurou descrever sua estrutura e funcionamento, sem esquecer, ao mesmo tempo, sua mudança e sua inserção no eixo da história”.

Homenagem a ÊMILE BENVENISTE

“Benveniste é, também, um dos raros lingüistas que se recusaram a fechar-se numa concepção estreita de sua disciplina. Por seus próprios trabalhos, assim como por sua influência direta ou indireta, chegou, desse modo, a marcar e a renovar profundamente disciplinas vizinhas. É, pois, natural que especialistas da antropologia, da mitologia, da psicanálise e da teoria literária se tenham associado a esta homenagem”.

REGRAS DOS DANOS GRAMATICAIIS(pg. 15 a 27)

Roman Jakobson

“Après tout, c’est ainsi que nous communiquons, par dès phrases, même tronquées, embryonnaires, incomplètes, mais toujours par dès phrases. C’ est ici, dans notre analyse, um point crucial.”

Êmile Benveniste (3, p121)

Biblioteca Pública Mário Schenberg
Prof. *Fábio Cyaresma*

A Émile Benveniste, que foi um dos primeiros a sustentar a importância dos estudos estritamente lingüísticos sobre as síndromes da afasia, quero dedicar, como homenagem de minha admiração e afeição, este estudo baseado em meus relatórios ao II Simpósio Internacional de Afasiologia, realizado em Oaxtepec, México, em novembro de 1971, e ao II Congresso Panamericano de Audição e Linguagem, que teve lugar em Lima, Peru, em outubro de 1973.

A Afasia uma desintegração da linguagem

Há mais de três décadas, em 1940-1941, achando-me quase a terminar meu primeiro estudo consagrado à linguagem infantil e à afasia, fui tomado de surpresa ao ver até que ponto os lingüistas negligenciavam as questões que diziam respeito à construção da linguagem pelas crianças e, sobretudo, à sua destruição em casos patológicos. O campo da afasia, particularmente, era mal conhecido. Havia, entretanto, alguns neurólogos e psicólogos que insistiam a respeito do papel que a lingüística podia desempenhar nesse domínio. Estavam conscientes de que a afasia é, de início e antes de mais nada, uma desintegração da linguagem e que, visto tratarem os lingüistas da linguagem, a eles compete revelar a exata natureza desses diversos danos. Assim, A Pick, A Gelb, K. Goldstein e MIssetlin raciocinavam sobre a necessidade de levantar as questões lingüísticas da afasia. Ora, entre os próprios lingüistas, os problemas desse gênero mereciam total indiferença. Havia, no entanto, como sempre, algumas raras exceções.

- JAN BAUDOIN DE COURTENAY, 1870, observava e examinava casos de afasia.

Monografia: “De la pathologie et de l’embryologie du langage”

“Comparou as síndromes afásicas ao sistema de língua do mundo”.

-FERDINAND DE SAUSSURE, 1908,

Livro: “A. Sechehaye, Programme et méthode de la linguistique théorique

“Sublinhou as pertinências das descobertas de Broca, e “as observações patológicas feitas sobre as diversas formas de afasia, as quais são do mais alto interesse, para apreciar as relações entre a psicologia e a própria gramática”.

Biblioteca Pública Mário Schenberg
Prof. *Fábio Cyaresma*

“Os casos de afasia em que toda a categoria dos substantivos falta, enquanto outras categorias, estabeleciam sobre o mesmo ponto da lógica, permanecem à disposição do sujeito”

DECADA DE 40 e 50

“Até que ponto a abordagem lingüística pode renovar o estudo da afasia”.

-H. HÉCAEN e R. ANGELERGUES

Livro: Pathologie du langage

“É preciso, com efeito, que todas as utilizações da linguagem livre e condicionada sejam analisadas em todos os níveis do sistema lingüístico”.

PODE DEZER-SE, MESMO, QUE A TAREFA MAIS IMPORTANTE, HOJE, PARA A LINGÜÍSTICA, É A DE APRENDER A DELIMITAR OS NÍVEIS NA AFASIA.(pg. 16)

Os diversos níveis da linguagem são autônomos. Autonomia na quer dizer isolacionismo; todos os níveis acham-se imbricados. A autonomia não exclui a interação e, mais que isso, autonomia e interação são fenômenos estreitamente associados. Contudo, em todas as questões lingüísticas e especialmente no caso da afasia, é importante abordar a linguagem a sua desintegração nos limites de determinado nível, tendo-se bem presente que todo nível é o alemão designa como as *Teilganze*, e que o todo e as relações entre as diferentes partes do todo devem ser levadas em consideração. Sob esse aspecto, os lingüistas cometem freqüentemente um perigoso erro: abordam certos níveis da linguagem, antes com um espírito de heteronímia (colonialismo) que de autonomia: só tratam de um nível do ponto de vista de um outro nível. Particularmente, tratando-se da afasia, devemos reconhecer imediatamente que o nível fonológico, embora não seja, como é óbvio, isolado, conserva a sua autonomia e não poderia ser considerado como uma simples dependência do nível gramatical.

Nota: que se tratando de estudo de nível adoto o principio do tratamento psicanalítico freudiano, cada individuo e um caso particular.

Existe, entre *diversidade* e *unidade*, uma relação que é necessário levar em conta. De acordo com a fórmula de HECAEN.

-“a afasia é, ao mesmo tempo, uma e múltipla”. As múltiplas formas da desintegração lingüística devem ser distintas e seria um erro estudar essa multiplicidade de um ponto de vista meramente quantitativo, como se nos ocupássemos, apenas, de diferentes graus de desintegração, quando, na realidade, deparamo-nos com uma diversidade qualitativa de grande alcance.”

“Os sons da fala funcionam necessariamente como portadores de sentido”

Além disso, estudando as formas de afasia em que a desorganização do sistema fônico da língua é um fator pertinente, é preciso lembrar-nos que, para a lingüística contemporânea, assim como para o locutor e o ouvinte, **os sons da fala funcionam necessariamente como portadores de sentido**. Som e sentido constituem, tanto para a língua quanto para a lingüística, **uma dualidade indissolúvel**. Na relação mútua entre som e sentido, nem um nem outro podem ser considerados como uma simples colônia: a dualidade do som e do sentido deve ser estudada, simultaneamente, do ângulo do som e do ângulo do sentido. As notáveis experiências realizadas em diversos países, nos últimos dez anos, levaram-nos a ver a que ponto os sons da linguagem são um fenômeno completamente particular, dentre os fenômenos auditivos: essas investigações demonstraram a posição privilegiada dos sons da linguagem. Não é notável que a orelha direita seja o melhor receptor dos componentes da fala e que a orelha esquerda, ao contrário, seja superior, para perceber todos os sons não verbais, quer se trate de sons musicais ou de ruídos variados(pergunta). Isso mostra que o sons verbais surgiam, logo de início, como uma categoria particular, à qual o cérebro humano reage de maneira específica, e essa particularidade se deve precisamente ao fato de que os sons da fala desempenham um papel completamente distinto: funcionam, de diferentes maneiras, como portadores de sentido.(pg17)

NO ESTUDO DAS DIVERSAS SÍNDROMES LINGÜÍSTICA DA AFASIA

A DISTINCTIVE FEATURES (BENVENISTE)

Devemos atentar seguramente para **a hierarquia** dos constituintes lingüísticos e de suas combinações, começando pelas unidades discretas últimas da língua, as *distinctive features*,

ou “merismo”, conforme o termo proposto por Benveniste. Sheila Blumstein, que possui uma formação de lingüística e de neurologista, em feliz combinação, examinou minuciosamente e pôs em evidência o papel fundamental desempenhado pela identificação e discriminação desses quanta lingüísticos na percepção da fala e nos distúrbios da afasia. O equivalente de *distinctive feature* é “traço distintivo” – o que corresponde, na nomenclatura ocasional de Saussure, ao termo “elemento diferencial” ou, então, “elemento de diferenciação”, enquanto a expressão “traço pertinente”, que utilizam, por vezes, alguns lingüistas franceses, é equívoca, pois qualquer constituinte da linguagem revela-se pertinente, sob certos aspectos: as noções de distintividade e de pertinência não coincidem.

FONEMA

Conceito: Um feixe de traços distintivos simultâneos é chamado um “fonema”, termo introduzido nos anos de 1870 e progressivamente redefinido. Trata-se de um conceito importante e útil, com a condição de que se tenha consciência de seu caráter derivado, secundário, do ponto de vista da estrutura lingüística, em relação a seus componentes, os traços distintivos.

SHEILA BLUMSTEIN (monografia)

(importante)

“a noção de traço distintivo forneceu uma explicação sistemática da freqüência relativa de diferentes tipos de erros de substituição da fala, cometido por afásicos”.

“além disso, as estratégias de produção da fala empregadas pelos doentes afásico sugeriram que os valores binários atribuídos aos traços, na teoria fonológica, parecem ser uma parte intrínseca do sistema fonológico do locutor”.

Oposição unidades marcadas e não marcadas

O princípio estrutural sobre o qual se fundam esses valores, a saber, a oposição entre unidades marcadas e não marcadas, revela-se “um aspecto essencial da análise fonológica”, pois “a noção de marca (markedness) **caracterizou a direção dos erros de substituição e de simplificação cometidos pelos afásicos.**

MORFEMA

Conceito: A menor unidade munida de seu próprio sentido. (Baudouin de Courtenay)

O termo foi mal interpretado pelos franceses, quando pela tradução do *Format*(alemão), para fonema em francês, resultando uma flutuação do termo como substituto de morfema.

DADOS AFÁSICOS (interpretação lingüística)

Artigos a se pesquisar 1963 e 1966

PARALELO: Lingüística # especialistas de estudo do cótex

Centro da Pesquisa: os aspectos verbais do estudo da afasia

-A. R. LURIA (Fundador da Neurolingüística)

-Expondo os resultados de suas vastas pesquisas sobre os distúrbios da linguagem, exprime sua “total concordância com os conceitos fundamentais propostos” em minhas tentativas, para detectar e classificar as síndromes lingüísticas da afasia, e quando ele oferece, al’em disso, referências decisivas aos “mecanismos fisiológico subjacentes a estes distúrbios”.

“IMPÕE-se a conclusão capital sobre a necessidade de empreender uma cooperação cada vez mais estreita entre lingüístas e neurologistas, uma investigação conjunta e coerente, que permite ver mais longe, nos mistérios ainda inexplorados do cérebro e da linguagem.

-Prefiro evitar a proposição de equações.

-nem submeteu as equações a um controle interdiciplinar sistématico

MOTIVO

Minhas próprias pesquisas permanecem ***centradas inicamente no aspecto impressionado***, ao ler a recente síntese apresentada por ^a R. Luria, o grande explorador dos mecanismos cerebrais e de suas lesões, enquanto **fatores no surgimento dos diferentes tipos de distúrbios afásicos**.

“LURIA (A. R.) “FACTORS AND FORMS of APHASIA”. Ciba Foundation Symposium on Disorders of Language, Londres, 1964.

“LURIA (A. R.), HIGUER CORTICAL FUNNCTION IN MAN” New York, 1966, tradução do texto russo de 1962.

“LURIA (A. R.), BASIC PROBLEMS OF NEUROLINGUISTICS”. Current Trends in Lingüistics, 1973.

“LURIA (A. R.), TWO BASIC KING of APHASIC DISORDERS”, Lingüistics, CXV, 1973.

“LURIA (A. R.) e CVETKOVA (L. S.), THE MECANISM of DYNAMIC APHASIA”, Foundation of Language, IV, 1968.

FENOMENO

EMISSÃO ————— RECEPÇÃO

Devem ser relacionados, como devem ser rigorosamente distintos.

RETOMA para isso.

-CHALES SANDERS PIERCE (competência)

LOCUTOR (SAYER) — código — ALOCUTADO (SAYEE)

Suas atitudes em relação ao código e a mensagem são completamente diferentes; em particular só **o alocutado deve enfrentar o problema da ambigüidade**, especialmente, o da homonímia.

Suas atitudes em relação ao código e a mensagem são completamente diferentes, em particular só o alocutado deve enfrentar o problema da ambigüidade e, especialmente, o da homonímia. **Sem o auxílio do contexto ou da situação**, quando ouve a sílaba /kasa/, não pode saber se se trata de *caça* ou *cassa*, enquanto o locutor está inteiramente livre da atitude probabilista do alocutado, ainda que ele deva, evidentemente, levar em conta a atitude desse último e impedir que certas homonímias nem venhama atrapalhá-lo.

DIFERENÇA ENTRE ABORDAGEM DO LOCUTOR E DO ALOCUTADO

Exemplo 1: Embora eu consiga acompanhar um discurso em italiano claramente enunciado, sou praticamente incapaz de profetizar até mesmo simples frases nessa língua (pergunta)

R: Assim, no que diz respeito ao italiano, não posso comportar-me como *destinador* mas somente como *destinatário*, reduzido a silenciar ou a responder em outra língua que não o italiano.

ORIENTAÇÃO: No estudo da afasia, devemos estar consciente da possibilidade de que essas duas *competências*, a do locutor e a do alocutado, estejam radicalmente separados, assim como a posição privilegiada que ocupa habitualmente a recepção, em relação à emissão.

Exemplo relacionado ao exemplo 1: Tal é o estatuto dos bebês que aprendem a compreender a língua dos adultos mas são incapazes de dizer o que seja. A capacidade de decodificar pode aparecer antes e, no caso dos afásicos, separadamente, da capacidade de codificar.

DIRETRIZES PARA COMPREENDER A SÍNDROME LINGÜÍSTICA DA AFÁSIA

1. Existem, naturalmente, numerosos casos de afasias híbridas, complexas, mistas, mas conhecemos a existência de tipos nitidamente polarizados, e são esses casos

claramente distintos, esses casos por assim dizer “puros”, como os chamam os neurologistas, que devem fundamentar nosso estudo e classificação dos afásicos, e guiar, em seguida, nossas pesquisas a respeito dos casos limítrofes, qualquer que seja a sua frequência.

2. A diferença essencial, bem conhecida pelos lingüistas, entre discurso espontâneo e discurso condicionado, deve igualmente ser tomada em consideração no estudo da afasia. **Além das respostas dadas pelo doente às perguntas do médico, devemos observar o discurso totalmente espontâneo do afásico, especialmente em seu ambiente distintos.** Não devemos abordar a questão de reproduções ou repetições solicitadas sem nos lembrar que esse gênero de produção forçada ocupa somente muito particular em nosso comportamento verbal.

Simpósio sobre os Distúrbios da Linguagem (1963)

-A. S. C. ROSS

Lembrou a necessidade de dispor de **CORPUS** de textos de afásia, publicados ou gravados, que comportassem enunciados produzidos em tipos de discursos variados e com diferentes interlocutores

Semelhante material é absolutamente indispensável, para chegar a uma descrição e a uma classificação lingüísticas das síndromes afásicas.

Não se poderia extrair nenhuma conclusão lingüística sólida, com base numa simples coleção de respostas de doentes às perguntas do médico, questões propostas, além disso, nas condições inteiramente artificiais do interrogatório clínico.

FORMAS DE AFASIA

As formas de afasia mais claras são, talvez, aquelas que se observam nos casos de agramatismo total.

REFERÊNCIA DE TRABALHOS SOBRE AFASIA

- A. PICK
- M. ISSERLIN
- E. HÉCAEN
- H. GOODGLASS

TRATAMENTO

exemplo da língua norte americana(pg21)

Biblioteca Pública Mário Schenberg
Prof. *Fábio Cyaresma*

É perfeitamente claro que as estruturas sintáticas mais complexas são as primeiras eliminadas, e, nos casos de agramatismo, a primeira que se perde é a relação entre o sujeito e o predicado.

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA

1 fase: Holofrases

As crianças começam por enunciados de uma só palavra

2 fase: Nivel do “nó”

little boy(menino pequeno)

John's hat(“ochapéu de João)

3 fase (última): última construção sujeito-predicado

A aquisição de tais construções constitui, de fato, uma revolução mental e verbal. É nesse estágio que uma verdadeira linguagem, independente do *hic et nunc* aparece.

oBS: Somente com o aparecimento em sua linguagem de proposições sujeito-predicado, pode ela de repente falar de coisas distantes, no tempo ou no espaço, de acontecimentos pertencentes ao passado remoto ou ao futuro, e, além disso, construir ficção. É essa capacidade que desaparece nos casos notáveis de afasia agramática.

O IMPERATIVO E A FORMA VERBAL MAIS ELEMENTAR

Essa é precisamente a razão porque por que o imperativo, que aparece no estrato mais primitivo da linguagem das crianças, é a forma mais resistente na afasia agramática; por sinal, a tendência freqüente das línguas flexionais a restringir a forma imperativa à raiz nua constitui uma ilustração convincente de sua essência primitiva.

TIPO DE DISTURBIO QUE J. DUBOIS, H. HÉCAEN,
'*Analyse linguística d' énoncés d'aphasiques sensoriels*', *Jornal de Psychologie Normale et Pathologique* LXVII, 1970.

Afasia Sensorial: mostra as diversas maneiras segundo as quais os nomes são afetados: podem ser simplesmente omitidos, ou substituídos por pronomes, ou então por diferentes parassinônimos, ou por expressões figuradas.

Descreveram recentemente, afasia dita “**sensorial**”, se a compararmos com o “**agramatismo**”, a polaridade entre esses dois tipos de afasia torna-se particularmente nítida.

Sensorial X agramatismo

Oposição:

A divergência central: na afasia sensorial, os elementos nucleares da estrutura gramatical, os nomes; tendem a desaparecer, enquanto são precisamente os nomes que compõe o estoque fundamental do vocabulário dos doentes atingidos pelo agramatismo. Em resumo são os nomes que estão em causa, enquanto unidade morfológicas menos dependentes do contexto; dentre essas unidades, observa-se, não necessariamente mas em primeiro lugar, o desaparecimento dos sujeitos gramaticais, enquanto constituintes mais independentes, menos condicionados pelo contexto.

São precisamente tais entidades autônomas as que causam as maiores dificuldades a esse tipo de doente.

Exemplo do Doutor TH ALOJOUANINE

Doente atingido por uma afasia sensorial típica, após um acidente de caminhão. O mais difícil para ele era começar uma frase e, mais ainda, um enunciado inteiro, e como lhe perguntássemos o que fazia, respondia: “Eu escrevo.” Repetindo a mesma pergunta, a respeito de um estudante que estava presente, ele respondeu: “Ele escreve”. Mas quando perguntávamos “Que é que estou fazendo”, ele não conseguiu, logo de início, dizer “Você escreve”, e o mesmo ocorreu com uma pergunta semelhante, em relação a uma enfermeira que estava escrevendo. Essa estranha diferença explica-se facilmente.

Exemploda Língua francesa

Em francês, “vous” (vocês) e “elle”(ela) são pronomes independentes e funcionam como sujeitos gramaticais, mesmo nas frases elípticas (“Quem escreve” -”Ela”), enquanto *je, tu, il* (eu, você, ele) são apenas simples advérbios.

CONCLUSÃO

Existe concordância em sublinhar o fato de que a perda principal, na afasia sensorial, não afeta precisamente os sujeitos mas os nomes em geral, pois, contrariamente ao agramatismo, que é, de início, uma desintegração sistática, a afasia sensorial preserva, de fato, a sintaxe e afeta principalmente as categorias autosssemânticas.

RELAÇÃO NOMES e dos VERBOS

A relação entre o tratamento dos nomes e o tratamento dos verbos é uma questão crucial, no estudo da linguagem e das perturbações da linguagem. A predominância dos nomes sobre os verbos, nos doentes agramáticos, foi evidenciada por:

-J. M. WEPMAN

-L. S. CVETKOVA

-LURIA (“Vers l'analyse de l'aphasie dite dynamique”)

DIFICULDADE APRESENTADA

Mostrou que era muito difícil, para os doentes, nomear diferentes verbos que enumerar nomes concretos.

CONFRONTA os três com:

-R. W. SPERRY
-M.S. GAZZANIGA

Sobre a compreensão da linguagem, nos doentes que sofreram uma bissecção cerebral(pergunta)

R: A compreensão dos nomes propostos ao hemisfério direito revelou-se elevado, com exceção dos nomes verbais, quer se trate de *nomina actionis* não sufixadas ou de *nominar actoris* providos do sufixo *-er*:

Exemplo:
locker(cofre com fechadura)
teller(narrador)

Os adjetivos eram facilmente identificados pelo hemisfério direito, com exceção daqueles que deviam de verbos, tais como:

shiny(brilhante)
dried(seco)

Como os verbos, “o nível de desempenho era pobre”. Esses dados merecem ser postos em relação com a engenhosa tentativa de uma classificação topológica das línguas, devido ao matemático

- RENÉ THOM.

René propõe uma hierarquia das categorias gramaticais, em que *o nome, na qualidade de categoria mais estável, se opõe ao verbo, enquanto os nomes verbais acham-se no mesmo nível que o verbo e os adjetivos ocupam uma posição intermediária entre o nome e os verbos.*

OBSERVAÇÕES (Afasia temporal)

Do conjunto dessas observações, segue-se que o verbo é uma categoria marcada, uma superestrutura em relação ao nome, e que assim a aquisição como a desintegração da linguagem confirmam essa hierarquia. O fato de que “a compreensão da linguagem no hemisfério direito” se limite aos nomes explica-se por sua natureza não marcada. A marca semântica do verbo, por oposição ao carácter não marcado ao nome, é sua referência ao eixo temporal. Assim, a supressão do verbo e da sequência ao eixo temporal. Assim, a supressão do verbo e da sequência sintática desdobrada no tempo são dois traços, naturais e co-relatos, das “*afasias temporais*”.

PROBLEMAS SINTÁTICOS

Grande números de problemas sintáticos que nos propõe o estudo da afasia acham-se estreitamente ligados à *hierarquia das estruturas lingüísticas, a saber, à relação*

entre estruturas que são derivadas, de outro. A esse respeito, os exemplos, freqüentemente citados, provenientes da experiência lingüística de crianças ou de afásicos, em línguas que apresentam desinências diferentes no nominativo e no acusativo, são particularmente instrutivos.

Assim, em russo, a seqüência:

papa (nom.) ljubit manu(ac.)
(“papai ama mamãe”)

pode ser investida sem que seja afetada a relação entre o agente gramatical e o paciente, assinados por dois sufixos flexionais diferentes: mas os afásicos e as crianças pequenas compreendem erroneamente a frase invertida:

“*manu(ac.) ljubit papa (nom)*
(mamãe ama papai)

PORQUE a primeira das palavras, sujeito-predicado, é uma ordem marcada neutra, não marcada, enquanto a ordem objeto-sujeito é marcada como uma inversão expressiva, e somente a ordem não marcada se deve a GOODFLASS,
“o leão foi morto pelo tigre”

PORQUE, na ordem de palavras mais usual, o sujeito funciona como agente, enquanto, aqui, sofre a ação, e porque, além disso, o passivo é uma superestrutura em relação ao ativo.. Não se pode deixar de concordar com GOODGLASS, quando rejeita as hipóteses recentes, de que ***os déficits afásicos afetariam somente o desempenho e não a competência.***

ESCRITO X FALA

Essas cojecturas fundam-se sobre uma concepção muito estreita e muito arbitrária da competência multiforme e nossa competência produção é completamente diferente de nossa competência de percepção da fala; além disso, há uma diferença essencial entre a competência que concerne à linguagem falada e a competência que concerne ao escrito, sendo esta última objeto de uma subdivisão capital entre a leitura e a escrita.

Seria uma simplificação abusiva considerar essas diferenças como dizendo respeito apenas à diversidade dos desempenhos. Os próprios códigos diferem. Nossa competência relativa ao estilo do discurso explícito não deve ser confundida com nossa competência relativa aos diferentes graus de elipse.

DISTINÇÃO

Devemos distinguir os déficits verbais de um afásico, conforme esteja ele em posição de locutor ou de ouvinte; e a interpretação científica não poderia reduzir essas diferenças a questão de desempenho.

EXPLICAÇÃO DO DISCURSO DO AFÁSICO

No discurso de um afásico, as modificações não consistem simplesmente em lacunas, mas também em substituições as quais podem ser criativas e sistemáticas, como, por

exemplo, a regularização dos verbos irregulares da linguagem padrão, tais exemplo, a regularização dos verbos irregulares da linguagem padrão, tais como as formas “fortes” da conjugação alemã, fenômeno comparável às competências sucessivas que a criança desenvolve na aquisição de sua língua materna. As foormas paticulares de imbricação entre o código explícito e o código elíptico, seja nas crianças, seja nos afásicos, propõe aos pesquisadores um problema muito complexo e muito urgente.

DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO NO DISCURSO DO AFÁSICO

Certamente, os lingüístas têm vastas possibilidades de descrição e de interpretação dos fenômenos afásicos, nos limites da língua, sem abandonar o nível lingüístico, mas lembremo-nos de que um dos grandes precursores da afasiologia e, pode acrescentar-se, da lingüística moderna, o neurologista JOHN HUGHLINGS KACKSON, considerava a afasia como uma das desintegrações semióticas possíveis, apresentado-se quer isoladamente, quer conjuntamente com outros deficiências, e que ele preferia o termo “assemasia”, proposto por ALLAN MCLANE HAMILTON, como designação genérica. Frequentemente, *é verdade, a desintegração pode limitar-se à linguagem, mas devemos examinar igualmente os problemas da linguagem do ângulo dos outros sistemas de signos, como a gestualidade, o desenho, a música, etc. E considerar suas relações.*

Ainda que dispomos de trabalhos importantes sobre a alexia e a agrafia, os estudos da afasia negligenciam com frequência as questões que dizem respeito à relação entre a linguagem falada e escrita, assim como o que diferencia os dois sistemas. Por exemplo:

- Quando se aborda a afasia unicamente ou principalmente com base nas reações orais de doentes diante de palavras escrita e a forma oral das palavras. Conviria distinguir, também, as reações dos doentes, em seus enunciados, diante de objetos, e suas reações diante das imagens de objetos, pois as imagens pertencem ao domínio dos signos e são, pois, assim como as palavras, fenômenos de ordem semiótica.

Questões como a distância que existe entre afasia e amusia, e que foi destacada por E. FEUCHTWANGER, no início dos anos trinta, poderiam e deveriam ser confrontadas com a surpreendente falta de ouvido e de senso musical que se constata amiúde nos poetas mais elogiados pela “musicalidade” de seus versos, o que parece ser apenas uma metáfora muito imprecisa.

RESUMO (CONCLUSÃO)

Em resumo, o desenvolvimento da pesquisa lingüística sobre a afasia exige maior concentração sobre a descrição e a classificação das síndromes puramente verbais, mas também, uma atenção constante em relação à totalidade do quadro semiótico. O progresso de todo trabalho lingüístico, e, em particular, da pesquisa neurolingüística, depende de que os pesquisadores tomem cada vez mais em consideração o fato de que a dissemelhança entre as redes examinadas propriedades, como também – e

Biblioteca Pública Mário Schenberg
Prof. *Fábio Cyaresma*

mesmo, sobretudo – na diferença entre os traços predominantes, enfim, no fato de que essas propriedades são diferentemente hierarquizadas.